

se7e
DIAS DA SEMANA

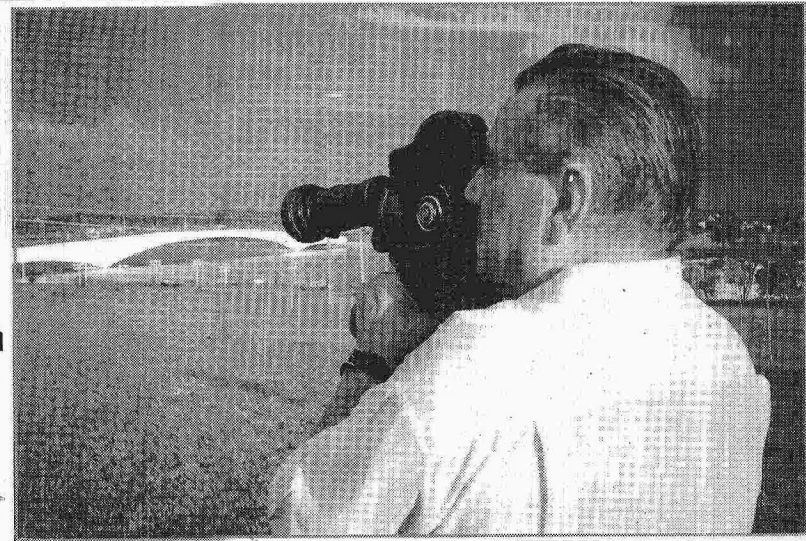
23 ABR 1997

Brasília-DF
23/04/97

12

DINO CAZZOLA

no 37º aniversário de Brasília



*Quarter span de mangue dazem,
due te chapem e te fundem,
bues te larguem chapt sfunden.
Inter liquen, inter larguem,
la sa Diu que guste e que chapem!
(Quatro palmas de caceta de asno,
onde te pega te arromba,
o buraco te alarga e as nadegas te
afundam.*

*Bate aqui, bate lá,
só Deus sabe que gosto que sentem!)*

No dialeto dos moradores de uma pequena aldeia ao norte de Milão, Broni, os membros da resistência à dominação nazista na Europa, os "partigianis", gostavam de provocar os "boches" cantando a modinha acima (mistura do dialeto italiano com alemão). Contardo Cazzola, um italianinho de 13 anos, debochava dos invasores alemães, juntamente com seus companheiros de resistência, cantando o "Quarter span". Cazzola, que atuava como guia das tropas da FEB na região de Monte Castelo, acabou como uma espécie de mascote do 3º. Batalhão de Artilharia, do então capitão Florimar Campelo, sob o comando do gen. Cordeiro de Farias. Os expedicionários brasileiros chamavam Cazzola pelo primeiro nome, Contardo. Depois, como era muito garoto, o chamavam, carinhosamente, de Contardino e, no final, apenas de Dino. Terminada a guerra, que mergulhou a Itália na mais dura miséria de sua história, Dino acabou embarcando com a FEB para o Brasil, pegando uma carona com nossos "pracinhas" no navio americano "James Parker", que trouxe de volta os vitoriosos dos campos de Monte Castelo. Aqui, Contardino virou Dino.

Depois de alguns anos no Rio, onde misturou a esperteza italiana com a malandragem carioca, Dino acabou se em-

polgando com o movimento mudancista de Juscelino Kubitschek e, em 1958, fincou pé em Brasília, como inspetor de obras do Ipase, responsável por várias super-quadras do que viria a ser a nova capital do Brasil. Já casado com Clarice, com um casal de filhos, Dino virou fotógrafo e cinegrafista de televisão.

Dino já foi de tudo em Brasília mas, o que mais o sensibilizou foi a televisão. Tornou-se o primeiro cinegrafista da TV-Brasília, desde sua inauguração, à zero hora de 21 de abril de 1960, até dez anos atrás, quando seu corpo, dominado por grave doença, não permitiu mais que segurasse a câmera. Hoje, com 69 anos, gosta de relembrar como se adaptou a Brasília.

— Você se lembra do Dom Camilo? Pergunta Dino, saudoso da primeira pizzaria do Plano Piloto, instalada na 207 sul. Vendíamos pizzas como água. Era pizza e vinho de barril, vindo do sul. As noites de Brasília, em 1960, eram mais frias do que hoje. Acho que o descampado permitia o vento correr mais, esfriando tudo. Pizza com vinho caía bem nas noites secas de dez, oito graus.

Dino revela alguns segredos de seu rendoso "Dom Camilo". "Além das pizzas, tínhamos uma dupla de cantores paraguaios com harpa e outros instrumentos. Era música ao vivo. Não fechávamos nunca o restaurante. Dia e noite aberto. Mas, o que atraíam muitos frequentes era a Rosinha, a garçonete, e o Dom Pepone, um galo que gostava de cachaça e que o Helder vivia embriagando. Mas, na verdade, a grande atração do Dom Camilo era, mesmo, a Rosinha. Ah, bela morena de ancas lindíssimas. Pena que meu sócio, o Negri, um italiano "maladeto" pôs tudo a perder. Se apaixonou pela Rosinha e carregou a morena pro Rio. Isso depois de eu ter enfrentado uma investida da po-

lícia da época, a Guarda Especial de Brasília - GEB, que arreventou todo o meu Dom Camilo, na noite do primeiro aniversário de Brasília, 21 de abril de 1961, quando um grande grupo de pioneiros comemorava a data. Por que fizeram esse vandalismo, até hoje não sei. Mas acho que foi ato dos inimigos de Brasília. Tinham ódio de tudo que beneficiasse a cidade. Antes de eu fechar a pizzaria, alguém acabou comendo o galo D. Pepone numa canja. Aí fechei tudo com tremendo desgosto".

BRASÍLIA, HÁ 37 ANOS

— Naquela época, há 37 anos, gostava muito da Cidade Livre. Não do atual Núcleo Bandeirante. Mas da cidade criada pelos pioneiros, conta Cazzola. Eu gostava da amizade que se fazia naqueles anos. Da carona que se dava e se pegava com toda segurança. Olha, gostava até da poeira e da lama que havia naqueles tempos. Eu, minha mulher, meus filhos e meus dois netos não queremos viver noutro lugar. Amamos Brasília. Sempre gostei de acompanhar as grandes obras da cidade. Filmei toda a construção da ponte Costa e Silva, do Teatro Nacional, do Congresso Nacional, todas as grandes obras, enfim.

Hoje, quando Brasília comemora 37 anos de vida, Dino diz que se fosse governador de Brasília, trataria das invasões com a maior prioridade. Acha que as invasões estão crescendo espantosamente. "Isso não vai dar bom resultado. As próprias cidades-satélites começam a se sentir ameaçadas. Voltaria toda a atenção para dar uma solução cristã às invasões". Se mostra, ainda, muito triste com o que vê por todo canto: "Queimadas e mais queimadas acabando com nossas matas. Não só em Brasília, mas por todo Goiás, e em todos os lugares do país. Isso me dá mui-

ta tristeza. É preciso acabar com essa violência".

MONTE CASTELO

Dino Cazzola já retornou à Itália algumas vezes, desde que deixou sua terra natal para se fixar em Brasília. A primeira visita que fez aos que deixou em Broni, seu pai e irmãos - sua mãe já é falecida há muito - foi quando acompanhou o ex-presidente João Goulart à solenidade de coroação do papa Paulo VI. "Aproveitei para visitar todo meu pessoal. Agora não tenho mais vontade de voltar à Itália porque meus familiares estão desaparecendo. Muitos já morreram, inclusive meu pai".

Dino conta que na ocasião a família proprietária das terras de Monte Castelo quis doá-las ao Brasil para que nela se erguesse um monumento aos heróis da FEB. A imprensa italiana deu grande destaque ao fato, que mereceu um projeto de Oscar Niemeyer, mas nosso governo não demonstrou maior interesse e a oferta acabou caindo no esquecimento.

A GRANDE REPORTAGEM

Cazzola guarda em sua residência no Lago Norte um arquivo de filmes sobre a história de Brasília, seguramente o único no Brasil. São cerca de trinta mil títulos de reportagens filmadas para televisão e cinema. É um museu particular, bem cuidado, no sótão da casa. Lá encontramos, ainda, uma dezena de máquinas filmadoras, para televisão e cinema, que acompanharam Dino durante mais de trinta anos de trabalho, além de uma dezena de projetores e vários equipamentos para revelação de filmes.

A melhor reportagem que Dino Cazzola realizou "foi aquela que aconteceu na noite de 12 de novembro de 1968, na véspera da edição do Ato Instituo-

nal no. 5. Estamos todos os jornalistas no Congresso, aguardando uma reação do governo a um discurso do então deputado Márcio Moreira Alves. As lideranças dos deputados e senadores estavam reunidas no gabinete do presidente da Câmara e os jornalistas se posicionaram na entrada principal do prédio, na chamada chapelaria. O governo militar também estava reunido no Palácio do Planalto. Sabíamos que a qualquer momento enfrentaríamos graves acontecimentos. Eu estava com minha filmadora a postos e com os iluminadores acesos, posicionados de forma conveniente. Tudo preparadinho para a grande filmagem. Então, de repente, apagaram-se as luzes de todo o prédio do Congresso. Câmara e Senado ficaram mergulhados na escuridão e os soldados começaram a entrar por tudo que era porta. Como estava escuro, era mais ou menos onze horas da noite, não pude filmar a invasão inicial. Foi quando um soldado passou correndo pelos meus iluminadores e derrubou um conjunto deles e as lâmpadas, de 500 watts, explodiram no chão. Todo mundo pensou que estavam jogando bombas no salão de entrada do Congresso. Foi um Deus nos acuda, até se restabelecer a ordem, mesmo no escuro. Tentei por todos os meios filmar as cenas e consegui algumas, graças à luz dos iluminadores de outras televisões. Quando cheguei esbaforido na TV-Brasília percebi que tudo estava perdido. A sede da tevê estava cercada por soldados e um oficial estava ditando o que podia ou não ir ao ar. Tudo sobre o Congresso foi apreendido. Acho que essa foi a maior reportagem de minha vida: a que não foi para o ar. Não houve".

**ALFREDO
OBLIZINER**